



A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DOS REEDUCANDOS DA PENITENCIÁRIA ESTADUAL OSWALDO FLORENTINO LEITE 'FERRUGEM' DE SINOP ENTRE OS ANOS 2010 E 2011

Margarida Korpalski*

Cristinne Leus Tomé**

RESUMO

O estudo teve como propósito investigar como acontece a construção discursiva dos reeducandos da Penitenciária Oswaldo Florentino Leite 'Ferrugem' de Sinop - MT. O *corpus* da pesquisa compõe-se de bilhetes que circulam entre as alas, que no linguajar do sistema prisional são chamadas de 'raios', entre os reeducandos e com os funcionários da instituição. Abordamos os sentidos que se mostram nos bilhetes e o seu funcionamento, através dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa (AD). O procedimento de análise do *corpus* escolhido se deu com base nos conceitos, defendidos por Michel Pêcheux e Eni Pucinelli Orlandi. Visando compreender os processos de formação dos sentidos nesse espaço discursivo específico, consideramos sujeito, discurso, leitor, texto, formações discursivas, memória discursiva, enunciador, enunciação, interpretação, efeitos de sentido. Observamos os elementos discursivos que os reeducandos utilizam em seus bilhetes, objetivando compreender que relações entre o 'formular' e o texto se configuram, nesse caso específico os bilhetes e se constroem como materialidade discursiva. Em nossas análises destacamos: como o discurso se constrói no ato da escritura, as relações que estabelecem os sentidos manifestos que se formulam e circulam na materialidade discursiva; o que estes sentidos manifestos querem dizer e significar perante a relação linguagem mundo e no contexto contemporâneo. Nesse sentido essa compreensão se evidencia no movimento entre sujeito, história e ideologia em um processo de convivência, esperamos ter contribuído na compreensão de como se dá a construção discursiva dentro deste espaço penitenciário em Sinop.

* Acadêmica do 7º semestre do Curso de Letras, Campus Universitário de Sinop, UNEMAT. Pertence ao Grupo de Orientação da professora Dra. Cristinne Leus Tomé.

** Professora graduada na UFRGS em História, com Mestrado e Doutorado em Educação pelo PPGEdu-UFRGS. Concursada em Metodologia Científica na UNEMAT-Campus Universitário de Sinop.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Construção Discursiva. Bilhetes. Reeducandos.

1 INTRODUÇÃO

Dentre as atuações sociais realizadas pelas pessoas quando falam, escutam, lêem ou escrevem podemos observar a condição mediadora da língua e assim podemos subtrair delas o seu poder de significar, de conferir sentidos, de expressar esses sentidos e de mediar às relações interpessoais envolvidas na interação social.

Assim, aceitar a atividade linguística desenvolvida pelo homem e pensar os estudos da língua a partir do discurso e do texto, considerando as intenções sociocomunicativas, ascende o interesse pelos efeitos de sentido que os interlocutores pretendem conseguir com as palavras, em suas atividades de interlocução. Segundo Orlandi (2001, p. 13), “[...] cada texto é um texto - é preciso não nos iludir com o texto enquanto unidade empírica, mas pensá-lo como unidade imaginária, fazendo intervir na reflexão a ideologia.” Sempre partindo do pressuposto de que a ideologia não está em certo ponto no texto, mas sim na construção da formulação discursiva que ela se apresenta.

Esta pesquisa estudou bilhetes, comumente chamados de ‘Bereus’ que circulam entre as alas, que no linguajar do sistema prisional são chamadas de ‘raios’ estes são escritos pelos reeducandos da Instituição Penitenciária Oswaldo Florentino Leite ‘Ferrugem’ de Sinop.

Os referidos bilhetes são escritos para solicitar: remédios, agendamento de consulta médica, odontológica, ou transferência de uma cela para outra em outros casos menos frequentes para simples comunicação com outros colegas custodiados na mesma instituição, produzindo uma situação de correspondência. Abordaremos os sentidos que se mostram nos bilhetes e o seu funcionamento, por meio dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa (AD). Por exemplo: ‘conto com sua ajuda’, ‘A Paz do Senhor Jesus’, ‘Fique com Deus’ entre outras. Nessa tentativa de comover o interlocutor o sujeito-autor se utiliza inclusive de elementos do discurso religioso.

Visando compreender os processos de formação dos sentidos nesse espaço discursivo específico, ou seja, no espaço penitenciário em Sinop, levamos em conta sujeito, memória discursiva, formações discursivas, enunciador, enunciação, discurso, texto, leitor, interpretação, efeitos de sentido, conceitos estes propostos pela AD.

Tivemos como objetivo compreender a constituição dos sentidos nos bilhetes escritos pelos reeducandos para os funcionários da Instituição, para isso, consideramos a formação

ideológica desses indivíduos. Com o intuito de compreender de que maneira os sujeitos se constituem como autores no ambiente penitenciário, e assim evidenciar como os sentidos são produzidos e circulam na Penitenciária, a partir das relações imaginárias constitutivas nos processos discursivos por meio dos bilhetes escritos pelos reeducandos.

Como aponta Foucault (1977, p. 93) “[...] difícil controlar o cumprimento de uma pena [...] e corre-se o risco de expor os detentos à arbitrariedade de seus guardiões. Porque o trabalho de privar um homem de sua liberdade e vigiá-lo na prisão um exercício de tirania.” É nesse contexto de relacionamentos que nasce à dependência dos reeducandos para com o Estado mantenedor de sua sobrevivência, e os intermediários desse processo, as pessoas que trabalham nessas Instituições penais, muitas vezes devem ser convencidos das reais necessidades destes encarcerados, para garantir que a rotina do ambiente ‘Penitenciária’ se conserve em condições naturais. A partir desse pensamento analisaremos o discurso desses reeducandos tomando os apontamentos de Mutti e Pereira (2008, p. 340):

O preceito fundante da AD é de que o sujeito não é a fonte do dizer. Ao contrário disso, entende ser esse sujeito assujeitado por algo que não lhe inerente, ‘mas vem de fora’ [...]. O assujeitamento, assim, o movimento de interpelação dos indivíduos por uma ideologia, condição necessária para que o indivíduo se torne sujeito de seu discurso ao, livremente submeter-se às condições de produção impostas pela ordem superior estabelecida.

O indivíduo que se encontra encarcerado muitas vezes é privado de seus direitos primários e desta maneira faz parte de um sistema que funciona naquele momento, dentro daquele ambiente.

2 O OLHAR DA TEORIA SOBRE O DISCURSO

A escola de Análise do Discurso francesa teve sua origem no fim dos anos 60 do século passado, dentro de um debate filosófico que buscava estabelecer as bases materialistas para as práticas da linguagem. Constituiu-se da relação de três linhas disciplinares; a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise (Orlandi, 2007). Michel Pêcheux é considerado um dos pais da AD, teoria que não analisa a língua ou a gramática, mas não as deixa de fora da análise, trabalha especificamente com discurso. De acordo com Orlandi (2007, p. 15) a palavra discurso “[...], tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso assim palavra em movimento, prática de linguagem: com estudo do discurso observa-se o homem falando”. Como o discurso ‘palavra em movimento’, ele está em constantes mudanças, por que o sujeito se renova, construindo novos discursos, no entanto,

embasado sempre na formação discursiva a qual já pertence na sociedade, é o discurso aliado ao histórico o corpus da AD.

Segundo Orlandi (2001, p. 88), “[...] Pelo modo que os textos produzem sentidos, são atravessados por várias formações discursivas, havendo então uma relação entre discurso/texto e autor/sujeito e, essa relação representada entre linguagem e história.” Embasados por estes estudos afirmamos que para entender o motivo de tal discurso, em determinado local é necessário saber o que está acontecendo ou aconteceu, para que tal discurso fosse realizado.

Quando tratamos de linguagem em seu funcionamento discursivo dentro do ambiente Penitenciária Oswaldo Florentino Leite ‘Ferrugem’ esse espaço de movimento dos sentidos que temos, inclui-se então falar do caráter da linguagem, da mobilidade, da possibilidade de deslocamento que as diferentes formas significantes trazem e a relação do sujeito com a linguagem em condições de produção neste determinado contexto.

Dentro da materialidade do texto (bilhetes) que analisamos, observamos como a linguagem permeia as relações no contexto penitenciário, evidenciando o movimento entre sujeito, história e ideologia no processo de convivência. Conforme apontam Bolognini, Pfeiffer e Lagazzi (2009, p.11) “[...] a incompletude característica da linguagem. Os sentidos não estão completos nem são dados a priori. São sempre constituídos no momento da enunciação, dadas as suas condições de produção.” Podemos considerar então, que sentido e materialidade estão interligados no texto em seu funcionamento e em sua historicidade. Enquanto analistas de discurso temos a incumbência de construir um dispositivo que leve o sujeito a compreensão do discurso. Sabendo que na formulação dos discursos há um revestimento do sujeito pelas palavras e que nem sujeito nem linguagem são transparentes.

Segundo Orlandi (2007, p. 46) “[...] O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. A ideologia em função da relação necessária entre linguagem e mundo, e se a linguagem é o lugar de materialização da ideologia então podemos concluir que esta opera no inconsciente e que seu funcionamento é pela evidência. Assim sendo, o sentido do texto se define a partir de uma formação ideológica e aí temos uma formação discursiva. É no lugar discursivo que o sujeito se inscreve em uma determinada formação discursiva, no processo de convivência entre reeducandos, Agentes Prisionais, Diretor, Subdiretor, Dentistas, Enfermeiras, Chefe de disciplina entre outras posições. Os sujeitos envolvidos neste meio em que convivem os detentos e na sociedade em geral, todos temos a ilusão de que o discurso que produzimos é somente nosso, porém tudo que falamos já foi dito antes. Orlandi (2007, p. 20) se refere ao por que temos a ilusão de posse sobre o que

falamos baseada na Análise de Discurso “[...] o sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.”

De acordo com Bolognini, Pfeiffer e Lagazzi (2009, p. 13) “Toda e qualquer sequência discursiva produzida pertence a uma formação discursiva que, por sua vez, tem relação com uma determinada formação ideológica.” Podemos concluir assim, que toda formação ideológica está constituída de uma ou várias formações discursivas, que determinam o que o sujeito filiado a esta ou aquela formação pode e deve dizer. Compreendemos o sujeito do discurso constituído a partir da relação com o outro, nunca sendo fonte única do sentido, ou elemento de origem do discurso.

Segundo Pêuchex (1988, p. 163) “A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto na qual ele constituído como sujeito)”, podemos então concluir, que tanto quanto é determinado ele também afeta e determina em sua prática discursiva. Assim, a incompletude é uma propriedade do sujeito, e a afirmação de sua identidade resultará da constante necessidade de completude.

2.1 SUJEITO-AUTOR E SUJEITO-LEITOR

Através dos bilhetes escritos pelo sujeito reeducando é possível evidenciá-lo, no sentido da formação como sujeito-autor, neste caso, consideramos que o sujeito que vivencia esse processo está construindo, nesse sentido, uma identidade.

Se o respectivo sujeito encontra-se inserido em determinado meio social institucional de convivência, provavelmente estará assujeitado aquele ambiente, o qual proporciona um suporte para que o mesmo possa lidar conscientemente com os sentidos, nas atividades de recepção e de produção, assim, constitui-se no papel de sujeito-autor, enquanto que escreve para um sujeito-leitor determinado.

Desta forma, para que ocorra a passagem de sujeito-enunciador a sujeito-autor, há que se compreender, segundo Mutti (1993, p. 66) “[...] o autor como aquele sujeito que, tendo o domínio de certos mecanismos discursivos, representa por meio da linguagem esse papel, na ordem social onde está inscrito.” Em nosso caso, os reeducandos representam determinada memória discursiva, reprodutora de certos mecanismos que perpassam em seus discursos.

Quando o sujeito assume o papel de autor, automaticamente torna-se capaz de inserir-se na cultura, definindo uma posição no contexto histórico-social, podendo ser variadas as interpretações possíveis do enunciador, cabe ao sujeito-autor organizá-las, conferindo legitimidade ao seu discurso. Orlandi (1988, p. 77) aponta que a autoria é uma função social do ‘eu’ enunciador.

Diríamos que o autor é a função que o eu assume enquanto produtor de linguagem. Sendo a dimensão discursiva do sujeito que está mais determinada pela relação com a exterioridade (contexto sócio-histórico), ela está mais submetida às regras das instituições. Nela são mais visíveis os procedimentos disciplinares.

Constituído o sujeito-autor temos também a formação do sujeito-leitor advinda de sua convivência em determinada instituição. Segundo Mutti (1993, p 66) “[...] o Leitor formado social e historicamente seu lugar social influencia a leitura que ele faz bem como a própria sociedade cobra dele um modo de leitura”. Diante de tal imposição há que se manifestar sua historicidade. A memória, os deslizamentos de sentidos e os sentidos que se repetem estão ligados a interpretação, pelo deslocamento do sujeito em relação a seus próprios sentidos é possível instaurar-se uma abertura para o sentido novo.

3 PARÁFRASE E POLISSEMIA

A relação entre a paráfrase e a polissemia pode ser compreendida como aponta Orlandi (2007, p. 36) se “[...] considerarmos que todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre os processos parafrásticos e processos polissêmicos.” Um processo não existe sem o outro, o que conduz a uma diferença necessária e constitutiva. A paráfrase, em termos discursivos, é a reiteração, o uso do mesmo. Na polissemia, temos a produção da diferença.

Tem-se uma relação entre o mesmo e o diferente, a produtividade e a criatividade na linguagem. O que funciona nesse jogo entre o mesmo e o diferente na constituição dos sentidos é o imaginário, é a historicidade na formação da memória.

Considerando que na relação constitutiva entre linguagem e exterioridade fazem parte os processos históricos sociais, nos dedicamos à análise de enunciados utilizados pelos reeducandos, como por exemplo: ‘peço humildemente um favor’, ‘conto com sua ajuda’, ‘Amém’, ‘A Paz do Senhor Jesus’ e ‘Fique com Deus’. O sujeito-autor destes textos, ao escrever desta maneira, tenta influenciar na imagem que o leitor fará dele, pois quando o leitor lê um bilhete com essas expressões, imagina que se trata de um reeducando religioso, de boa

índole e desta maneira será levado a sério. Esses elementos religiosos presentes nos enunciados do sujeito-autor reeducando, provavelmente tiveram sua origem nos cultos de evangelização que acontece todos os sábados na Penitenciária.

O elemento persuasivo presente no texto nasce de uma construção de confiança por parte do redator e é através dessa forma de mensagem emitida que terá credibilidade ou não, trará veracidade ou não. Por sua vez o leitor torna-se sujeito participante desse processo cabendo-lhe um papel de analista, investigador dos discursos que reconhece assumindo também ele uma posição.

Refletindo sobre o elemento compreensão, nos questionamos qual a importância do grau de legibilidade apresentado pelo leitor de determinado bilhete, tomando como leitor um indivíduo que não participa da formação discursiva em que está inserido esse autor, como questiona Orlandi (1988, p. 08) “[...] O que torna um texto legível? O que um texto legível?” Então temos um impasse, pois, a legibilidade pode ou não estar no texto.

Comparando o discurso dos bilhetes que são direcionados a funcionários da Instituição e os enviados a outros reeducandos ficam evidentes as marcas de discursos diferentes. Gregolin (2004) se baseia em Foucault sobre o conceito de enunciado expondo que este se manifesta entre a singularidade e a repetição, compondo um recorte que articula sujeitos e história na própria materialidade que os constitui, Foucault diferencia enunciado de frases, proposições e atos de fala, pretendendo assim:

[...] mostrar que língua e enunciado não estão no mesmo nível de existência, [...] mostra que o que torna uma frase, uma proposição, um ato de fala em um enunciado justamente “a função enunciativa”; o fato de ele ser produzido por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado. (GREGOLIN, 2004, p. 31).

Podemos considerar então que a posição sujeito é neutra, podendo ser habitada por qualquer enunciador, pois o enunciado jamais é algo isolado e sim próximo de outros enunciados e sujeitos sempre inscrito num campo enunciativo que lhe confere posição na história sujeito-autor.

Como nossa pesquisa está baseada em um local específico, ligado a um discurso específico, o imaginário do sujeito-autor reeducando, constrói uma formação imaginária, ligada a imagem que se constituirá a partir do enunciado emitido por esse autor. De acordo com Orlandi (1988, p. 12) “[...] Entre o homem e a Instituição, numa relação em que o poder e a ideologia são as constantes, os sentidos balançam entre uma permanência que às vezes parece irremediável.” Portanto, o reeducando ao escrever para o Diretor, para a Enfermeira,

para os Agentes Prisionais entre outros funcionários da Instituição, se filia a formação discursiva que remete, por exemplo, a humildade.

Entendemos a questão da significação, procurando compreender suas origens e o seu funcionamento, mediante participação do sujeito- autor e do sujeito-leitor, nos embasamos no objeto empírico texto, porém sempre remetendo ao horizonte da discursividade. Portanto acreditamos que o leitor também é produtor de sentidos e não somente o autor. E esse processo ocorre sob determinações sócio-históricas, o leitor reproduz ou transforma sentidos, assim participa do processo sócio-histórico de produção de sentidos. E o leitor o faz de uma posição social e com uma direção histórica determinada.

4 CONCLUSÃO

Os objetivos contemplados nesta pesquisa visaram interrogar a autoria numa materialidade discursiva ativada pela historicidade no ambiente penitenciário do Município de Sinop. Desde as primeiras leituras do *corpus* se mostrou evidente a presença do discurso penitenciário, aspecto esse de grande importância para o direcionamento de nossa análise.

As análises permitiram concluir, que os reeducandos produziram enunciados que indicam a ocorrência extremamente singular de organização pelos sujeitos, marcados na sua escrita. Nestes processos, sobressaíram-se marcas do discurso relatado, ao elegê-las, os reeducandos buscaram incutir sentidos externos, mas que se tornavam internalizados em decorrência de sua apropriação. Dessa forma, podemos perceber os deslocamentos de sentidos efetuados e as evidências das posições discursivas assumidas.

Através das análises, são apontadas as filiações; os lugares assumidos pelos sujeitos, ao escreverem seus bilhetes, o sujeito se constitui à medida que, em determinado discurso se inscreve, fazendo-se entender. Enquanto compreende a posição sujeito-autor, o reeducando também se constitui sujeito-leitor, membro de uma sociedade, de um meio de convivência ao qual se vincula, afetiva e socialmente.

Quanto aos deslocamentos de sujeito, as análises efetuadas mostraram, sobretudo, o jogo de negociações que se instaura a partir da perspectiva de poder ocupar o espaço como autor e ter seu pedido validado. Os reeducandos procuraram filiar -se aos dizeres da referida proposta de autoria mesmo marcando diferentes discursos quando escrevem para diferentes leitores.

THE DISCURSIVE CONSTRUCTION OF THE PRISONERS FROM THE STATE

PENITENTIARY OSWALDO FLORENTINO LEITE 'FERRUGEM' FROM SINOP - MT BETWEEN THE YEARS 2010 AND 2011

ABSTRACT

The study has as purpose investigated as happens to the discursive construction to the prisoners from the Penitentiary Oswaldo Florentino Leite 'Ferrugem' from Sinop - MT. The *corpus* consists of tickets that circulate among wards, who in the language of the prison system are called the 'rays' among the reeducation and with employee of the institution. We discuss the senses that are shown on the ticket and its functioning across the theoretical presuppositions analysis of the French Discourse (AD). The analysis procedure the chosen *corpus* occurred based on the concepts defended by Michel Pêcheux, Eni Pucinelli Orlandi. Aiming to understand the processes of formation of the discursive directions in that specific area, we have considered the subject, discourse, reader, text, discursive formations, discursive memory, speaker, enunciation, interpretation, effects of sense. Observed that the discursive elements of the reeducation use on their tickets in order to understand that relations between the 'formulate' and the text are configured in that specific case the tickets and are constructed as discursive materiality. In our analysis we highlight: how the discourse is builds in the act of writing, which ones are the relations that establish meanings manifested that are formulated and circulated in the discursive materiality, the directions that they want to tell and mean manifest face the relation speech world and the contemporary context. In this sense this comprehension is evidence in the movement among the subject, history and ideology in a process of living at the end we hope to have contributed in the comprehension of how it is in the discursive construction of the penitentiary area in Sinop.

Keywords: Discourse Analysis. Discursive construction. Tickets. Reeducation.

REFERÊNCIAS

BOLOGNINI, Carmen Zink; PFEIFFER, Claudia; LAGAZZI, Suzy. **Discurso e Ensino:** Práticas de Linguagem na Escola. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** Nascimento da Prisão. Petrópolis: Vozes, 1977.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Michel Foucault: o discurso nas tramas da história. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bôscio Cabral (Org.). **Análise do Discurso:** unidade e dispersão. Uberlândia: Entremeios, 2004.

MUTTI, Regina Varini; PERREIRA, Aracy Ernst (Orgs.). **Práticas Discursivas**. Pelotas: EDUCAT, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

_____. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **Discurso e Leitura**. 6. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.